



RESENHA

REIMER, Ivoni Richter. Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma. Goiânia: PUC-Goiás, 2016. 140 p. ISBN: 978-85-7103-929-2.

Marcelo da Silva Carneiro\*

Quando lemos uma obra de caráter científico, o mais comum é que a autora/pesquisadora (ou pesquisador) se mantenha o máximo neutra em relação ao objeto de seu estudo. Desse modo, acreditamos que haverá objetividade adequada para analisar o objeto, sem que o envolvimento pessoal interfira na interpretação dos dados. Entretanto, eventualmente encontramos obras em que a pesquisa se mistura com a pessoa da pesquisadora, sem, com isto, comprometer os dados e suas interpretações. É o caso da obra de Ivoni Richter Reimer a respeito de Santa Praxedes, fruto de sua viagem de pesquisa a Roma, com apoio do CNPq. Ivoni já é pesquisadora há muitos anos na área de Cristianismo Primitivo – mais especificamente pesquisas que “tematizam mulheres e relações de poder nos cristianismos originários” (Reimer, 2016, p. 39) – utilizando fontes bibliográficas, mas decidiu fazer pesquisa de campo. Como ela mesma explica,

Construí o objetivo de, entre outros, observar e registrar *in loco* questões arquitetônicas, artísticas e de conteúdo que possibilitassem perceber e analisar a presença de mulheres na história eclesial e social do período entre os séculos II e IV, e as funções que elas exerciam, por meio de registros epigráficos e da arte paleocristã (Reimer, 2016, p. 39).

Esta citação já é um indício de como ela elaborou a obra, que reúne todas as descobertas feitas em sua pesquisa. Ivoni nos permite captar a forma como se deu a pesquisa, como acompanhantes de uma viajante, mostrando inclusive as circunstâncias em que ocorreu a descoberta da Basílica de Santa Praxedes, que ela mesma nem imaginava iria ocorrer. Ivoni chama de “encontro” entre ela e o espaço de memória onde não só Praxedes, mas muitas outras mulheres têm registros iconográficos e que permitiram à pesquisadora remontar a trajetória destas pessoas, bem como indicar o papel das mulheres na iconografia medieval. A basílica de Santa Praxedes, espaço onde a autora obteve diversos elementos para sua pesquisa, é uma construção do século IV que sofreu diversas interferências até o século IX, quando as estruturas da basílica foram “reconstruídas sob o pontificado do Papa Pascoal I, vanguardista da cultura carolíngia” (Reimer, 2016, p. 16). Desde já é possível afirmar que aí está uma fraqueza na pesquisa de Reimer, considerando que ela trata da reconstrução histórica de eventos anteriores a essa época.

---

\* Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Pesquisador do Grupo Oracula. Docente da FATIPI. ORCID: 0000-0003-4439-6708 - contato: [professor.carneiro@hotmail.com](mailto:professor.carneiro@hotmail.com).

O livro alia texto e imagem para nos possibilitar um mergulho no mundo da Basílica de Santa Praxedes e sua história. Textualmente, a organização do livro parte de uma ideia geral sobre a devoção a santos e santas, em prolegômenos em que Ivoni relaciona o tema da pesquisa com a realidade brasileira, falando da devoção a Santa Odetinha. Em seguida, a pesquisadora indica a relação dessa devoção com o tema da santidade e ser santos na Bíblia Hebraica e Cristã, para poder nos inserir no mundo da política de memória e devoção da Idade Média, especialmente nos períodos de luta contra os movimentos iconoclastas (anteriores à Reforma Protestante). Por fim, a autora nos chama a atenção para um dado importante: o fato de ela ser luterana e estar numa pesquisa essencialmente ligada ao mundo católico, ainda que sua origem remonte a períodos anteriores ao catolicismo romano. Aqui ela trata da teologia da intermediação, que vigorou durante a Idade Média sem nenhum questionamento, contra a qual a Reforma se levantou duramente. Por isso, há um desafio ecumênico inerente nessa pesquisa.

No capítulo 1 propriamente dito, Ivoni nos resgata a história de como “encontrou” Praxedes, no ano de 2012, em sua viagem de pesquisa. Na verdade, ela primeiro teve o contato com a Basílica de Praxedes e seu rico acervo iconográfico e artístico. Para ilustrar a importância do momento, ela escreveu:

Curiosidade, intuição e ímpeto investigativo me convidaram a adentrar aquela porta. Quase perdi o fôlego: do outro lado daquela porta simples e daquelas rústicas e simples paredes externas havia um espaço de fé, de arquitetura e arte ímpar! (Reimer, 2016, p. 42)

Em meio à experiência de reconhecimento da riqueza em que estava, Ivoni percebeu que havia imagens de “muitas mulheres no arco interior... Quem seriam? O que significariam todas essas imagens?” (Reimer, 2016, p. 45). Esse foi o ponto de partida para a pesquisa posterior.

O capítulo 2 é o mais histórico da obra, no qual Reimer nos leva a entender o mundo no qual surgiu a basílica e a própria tradição de Praxedes. A forma mais recente da edificação é do século IX, como foi dito, quando o Papa Pascoal I procurou reunir obras e relíquias em meio ao contexto das lutas iconoclastas em Constantinopla, onde monges e padres eram perseguidos e acolhidos em Roma. Ivoni nos apresenta o contexto do Império Carolíngio e do surgimento do movimento iconoclasta em 726, condenado depois em 787, para ser retomado por Leão V em 815, no II Concílio Iconoclasta de Constantinopla. Essas alterações na política de imagens e devoção fez com que no Ocidente, sob o domínio de Carlos Magno, houvesse fortes impulsos artísticos e arquitetônicos em torno da iconografia cristã. Esse é o contexto da basílica de Praxedes. Onde entram as mulheres? Ivoni explica:

As mulheres, suas imagens e suas representações, participavam de um contexto maior de conjuntos de relações de forças que não se restringiam a espaços domésticos nem eclesiais. Elas inter cruzavam vários, talvez todos os espaços, de diversas maneiras(...) Nesse sentido, pode-se compreender a confecção e a preservação da arte na Basílica de Santa Praxedes não apenas como expressão de espiritualidade, senso artístico-arquitetônico etc. As imagens ali existentes também são expressão e testemunho de acirrados e mortíferos conflitos no seio da Igreja. (Reimer, 2016, p. 55)

Neste contexto é que somos apresentados à história de Praxedes e como ela se encaixa na política de memória de Papa Pascoal I. Os indícios apontam que a basílica fora construída no local onde tinha sido a casa de Praxedes, outrora uma igreja que acolhia forasteiros e migrantes. Ela também nos dá uma descrição detalhada com mapa da basílica, mostrando como ela tinha diversos usos e atendia a diversas memórias e tradições.

O capítulo 3 é o primeiro em que a pesquisadora analisa a iconografia da basílica, procurando resgatar não só o significado, mas a história por trás dos símbolos. Destaque aqui fica para o altar mor e um monograma presente nos dois arcos internos superiores da nave principal. Ivoni dá mais detalhes sobre a reconstrução da basílica e trata da “topografia do poder”, termo emprestado de Goodson, justamente a política da Igreja com edificações que poderiam ter peso na devoção de santos, como é o caso da basílica.

O capítulo 4 se dedica a falar de Praxedes e a igreja que se reunia em sua casa. Em relação à pessoa de Praxedes, Ivoni apresenta algumas hipóteses de filiação, dentre as quais ela tende a admitir Pudêncio e Cláudia Rufina, o pai de família senatorial e a mãe uma escrava liberta britânica. Porém, filha do rei bretão Caractacus, daí ser de origem também nobre. Os indícios apontam que o casal se converteu e foi batizado pelo próprio Pedro, portanto antes de 67 d.C. Sua casa passou a ser lugar de acolhida de migrantes e, depois, uma igreja. O próprio Pudêncio foi martirizado por Nero, sendo depois reconhecido como mártir. Praxedes, por sua vez, manteve a função da casa e substituiu os pais na missão de acolher migrantes, sendo posteriormente também ela martirizada, bem como sua irmã Pudenciana. Praxedes exercia atividade de diaconisa, bem como seus pais. Isso significa não só que servia aos necessitados, mas que tinha liderança na comunidade. Ivoni explica as ações de Praxedes:

As atividades diaconais de Praxedes também consistiam em, juntamente com sua irmã Pudenciana, recolher e enterrar os corpos de cristãos mortos cruel e violentamente como mártires; portanto, de pessoas que não abandonavam a fé cristã, mesmo sob ameaça, tortura e morte. (Reimer, 2016, p. 82)

Curiosamente, a basílica de Praxedes recebeu os restos dela e de vários outros mártires quando foi reconstruída pelo Papa Pascoal I, por isso, além da nave central há várias capelas mortuárias ao redor da edificação. Ao final do capítulo, Reimer faz algumas reflexões visando a contextualização dos diversos indícios e elementos identificados na história de Praxedes e da basílica.

O capítulo 5, por sua vez, retoma a análise iconográfica iniciada no capítulo 3, descortinando os diversos espaços da basílica. Nesse momento, Ivoni nos faz entender que as diversas imagens constantes da basílica, tanto pinturas quanto mosaicos, podem ser compreendidos como textos visuais, maneiras de narrar histórias e memórias de forma visual, o que facilita para o povo analfabeto, no caso, a maior parte dos fiéis que frequentavam a basílica. São assim elementos de instrução, bem como meios de viabilizar a política eclesiástica da devoção.

Reimer faz questão de indicar a relação entre imagens da basílica com o texto bíblico, o que torna o acompanhamento da pesquisa de campo ainda mais marcante e facilita a compreensão das explicações. O esquema descrição/explicação é didático e nos mantém interessados nas descobertas feitas. É aí que a presença de figuras impressas

em diversas páginas, todas originadas nas fotografias da própria autora, torna-se tão relevante e essencial no livro.

Ao encerrar Ivoni faz considerações teológicas e socioculturais sobre “o poder da arte e a expressão do poder” (Reimer, 2016, p. 136). Em sua análise, Reimer entende que a cultura visual desenvolvida pela igreja ocidental foi muito importante, e identificou na presença de mulheres uma política de cultura devocional aos santos, partindo da constatação que as figuras de mulheres, a começar por Maria, mãe de Jesus, aproximam a Igreja do povo. Por outro lado, o exercício de liderança dessas mulheres não é negada pela Igreja, o que é demonstrado pelos diferentes desenhos, nos quais elas ganham honraria e mostram autoridade.

Algumas questões que ficam em aberto: considerando que as obras são posteriores ao período de Praxedes, não estariam aí memórias lendárias, que reconstroem a história dessa mulher acima do que pode ter sido sua vida de fato? É fato que não temos no Brasil obras sobre o tema com o fim de permitir a comparação bibliográfica. Mas, será que, dentre as obras consultadas pela autora, essa questão não transparece em algum ponto? Afinal, considerando tendências atuais da pesquisa, como a de Candida Moss (*The Myth of Persecution*, 2013), apontam que o século II testemunhou muitas obras cuja veracidade são altamente questionáveis.

Ainda assim, Ivoni Reimer nos ajuda a desconstruir a ideia de que as mulheres foram sempre e continuamente caladas na história da Igreja. Certamente havia diversas forças em ação no Cristianismo primitivo, e nem todas favoráveis à liderança feminina. Longe de mostrar um destino irrefutável, essa constatação indica a esperança de que hoje as mulheres devam continuar a sua trajetória de protagonismo, liderança e serviço, mesmo que isso implique enfrentamento das estruturas patriarcais, posto que elas não detêm a verdade absoluta dos fatos e da história.

Recebido: 19 de fevereiro de 2019.

Aprovado: 17 de junho de 2019.